

O Venâncio, que só agora dava pela coisa, ejaculou um palavrão com que traduzia a sua sólida indiferença ante o desastre, e prometeu à mulher guardar todo o segredo sobre a sua descoberta.

E, quando todos saíram, Alípio ocultou-se na sala da escola enquanto D. Maria Lina com suas próprias mãos fechava tranqüilamente as portas da rua.

CAPÍTULO XI

NO DIA SEGUINTE, logo que o Casimiro, em espionagem ansiosa à porta de uma venda próxima, viu abrir-se a janela do quarto de Alípio, voou para lá como uma flecha. Mas o olhar que assestou com acuidade perscrutadora sobre o seu salvador e cúmplice ricocheteou desconsolado de encontro a uma cara estremunhada e quase hostil. A chamazinha de sua esperança, ainda azul na sua incipiência medrosa, quase se diluiu ao sopro adverso daquele inesperado acolhimento. Alípio deu-lhe bom-dia com uma voz estranhamente grossa e fanhosa, e depois tossiu. O matinal visitante viu então que ele tinha os olhos injetados, sentira-lhe as mãos geladas e dera pela faixa de lã que lhe envolvia o pescoço.

— Uma constipação feroz, Casimiro, queixou-se o promotor com um ronco penoso. E parece que tenho febre.

— Diabo! Ainda ontem à tarde estava perfeitamente bom...

— Voltei alta noite para casa... uma visita lá para o Açude... apanhei aquele chuvisco... A noite estava quente... Eu tinha suado... Uma estupidez!

— Realmente...

— E estes meus resfriamentos de garganta são sempre graves... Em Pernambuco estive muito doente... Isto é de família... Estou inquieto... Uma terra sem médico!

— Por isso não, doutor: o Pinheiro passa a perna em muitos médicos de carta... Tem sido chamado de Sobral, e até da Capital recebe consultas...

— Seja como for, se não melhorar até à noite, mando chamá-lo. E, quanto ao nosso negócio, fica para logo... Um! um! diabo, como me dói a garganta! Parece que tem um espinho atravessado!

Casimiro mandava a todos os diabos o intempestivo incômodo. Até Alípio ficar bom, como conduzir-se sem causar suspeitas aos herculanistas? que fazer para aproximar-se dos outros? E se viesse o rompimento da situação, obrigando cada um a tomar uma posição

definida?... Perdido o ensejo, estava tudo perdido. Que foi fazer esse homem alta noite no Açude... ou na rua da Feira? E por que havia de chover quando ele se recolhia?

Já se vira que caiporismo? Um monstro de saúde como era Alípio! Diabo! Era preciso arranjar-lhe um remédio valente que o fizesse sarar a tempo de organizar a resistência em torno do generalíssimo! Canalha! Pois o pobre do homem fez a República... para quê? Para não ter a liberdade de escolher os seus ministros? Tinha muitíssima graça! E Alípio doente! E o João Ferreira defendendo o generalíssimo sem o concurso dele, Casimiro...

— Pois o doutor precisa estar bom para o que der e vier. Trate-se de rijo. Que é que costuma tomar quando sofre isto?

— Homem, eu devo ter aí umas receitas... Devem estar... espere... Ah! sim: veja-me no canto da mala uma caixinha de veludo verde, dessas de jóias.

Casimiro, solícito, foi procurar a caixinha, e pasmou da enormidade de gravatas, punhos e colarinhos que atopetavam tumultuariamente a mala. Mergulhou com respeito a mão suada naquele oceano encapelado de linho espelhante e sedas vistosas, físgou a caixinha e apresentou-a a Alípio, que separou as receitas de curar laringite.

— É preciso mandar isto à farmácia e dar pressa.

— Vou eu mesmo levá-las e trago os remédios, disse com acoadamento Casimiro, contente do pretexto que lhe aparecia para penetrar na toca da “raposa velha”, como chamavam ao astuto e perigoso boticário Mendonça, em cujo estabelecimento inteiro não havia tanto veneno como na língua.

E Casimiro saiu apressurado, declarando que há muito tempo não punha os pés em tal casa, mas num caso como aquele... Logo adiante encontrou Chico Herculano com uns olhos peçados de cólera surda:

— Sempre acontece cada uma! bradou o escrivão, com excessiva aflição. Vou ontem de tarde à casa de minha sogra e volto às sete horas para ir à reunião, quando, já na porta, chega-me um recado do promotor: que fosse lá sem demora. Saio a correr para não perder a hora e encontro o rapaz incomodadíssimo, com um febrão terrível e rouco de não se lhe ouvir uma palavra. E sozinho, sem ter quem cuidasse dele, porque o vigário estava fora, a criada tinha saído para a novena. Uma coisa de repente. Ele tem sempre isso de quando em quando: é um mal de família, toda a gente do lado materno morre da garganta. Estava nervoso! Não consentiu que eu saísse senão quando aliviou um pouco, lá para as onze horas. Vá ficar lá, enquanto eu mando preparar estes remédios.

Convencido e desarmado, Chico Herculano passou da indignação a um compassivo interesse, e estugou os passos para a casa do vigário. Este sobressaltou-se muito com o estado do rapaz, ao chegar momentos depois. E a notícia da enfermidade correu num instante as ruas, chegou aos ouvidos de Asclepiades, que não tardou a apresentar-se com o Pinheiro, chegado felizmente do seu sítio naquele momento. Nada podia fazer o Pinheiro sem ver os remédios. Casimiro entrou com eles duas horas depois, suado, importante, como uma pessoa que se sente útil. Fizera finca-pé na botica para não sair sem os remédios. E o Mendonça mostrara-se interessado, tratara-o com delicadeza. É verdade que não ia pedir-lhe favores. . .

Alípio piorou para a tarde, a febre aumentou, aumentou a rouquidão, a dor de cabeça fazia-o gemer muito, cobarde que sempre fora para moléstias.

Só ao cabo de cinco dias a febre cedeu, graças às mezinhas caseiras do Pinheiro, que abandonara as drogas da botica. Era grande a prostração do doente, que nem leite podia engolir.

— Se a febre não reaparecer nestes dois dias, é tirá-lo daqui sem perda de tempo, sentenciou gravemente o Pinheiro.

— Levamo-lo para a Varjota! quase gritou Asclepiades, começando a acreditar que a Providência introduzira o dedo na garganta de Alípio e no destino de suas pretensões.

— Para a Varjota, repetiu o vigário com a passividade de um eco.

E Alípio, aterrado e afônico, consentiu com docilidade, e, ao cabo de dois dias marcados pelo Pinheiro, lá seguiu numa liteira, carregada por dois burros e escoltada pelo vigário, pelo Asclepiades, que ostentava um ar quase definitivo de sogro, e pelo Casimiro, que ia somente até a ponte, muito empenhado, como estava, em manter e aumentar as relações reatadas vagamente com o Mendonça boticário, o único homem na cidade a quem o João Ferreira ouvia e a quem confiava os seus segredos políticos.

Durante a curta e violenta afecção, Alípio nada soubera de Bilinha, nem se ela mandara saber do seu estado. Ele bem percebeu a sensatez dessa reserva, mas, ainda assim, não pôde dominar um ressentimento que contava fazer valer mais tarde. Só pensou nisso, contudo, quando, atenuado o terror da enfermidade que o ferira de improviso em meio às pompas primaverais da estação e em pleno apogeu dos seus amores, como uma serpe que surgisse para golpeá-lo do meio de uma sebe florida, achou-se, naquela tépida e cheirosa manhã de maio, languidamente recostado na liteira, de cujas portinholas abertas contemplava os campos, com um imenso apego à vida revivescente, à carícia meiga e salutar daqueles ares sertanejos.

E, supersticioso, como o são em geral os céticos, deixava-se levar para o lado da *outra*, como para o cumprimento de uma expiação. Já Asclepiades não lhe parecia tão ridículo, e os cuidados com que o cercava, — era d. Claudina quem lhe mandava os chás e as canjas — o comoviam malgrado seu. Como por encanto Alípio se sentia melhor quase de minuto em minuto. Ao fazerem alto numa vivenda à beira da estrada para um curto descanso após a segunda hora de marcha, ele quis falar para dizer que tinha fome, e um fio de voz, ainda débil e destimbrada, lhe apareceu inopinadamente. Asclepiades aclamou com uma frase de entusiasmo aquele alvorecer de um tão “inspirado verbo”, e pulou da sela para obter um alimento para o doente. E, como visse do lado um chiqueiro, onde as cabras, ainda presas àquela hora, berravam clamorosos *habeas-corpus*, teve uma idéia esplêndida:

— Um copázio de bom leite de cabra, quentinho e suculento, era o que lhe calhava agora a valer, meu caro doutor!

Alípio aquiesceu com recrudescido apetite, e o vigário homologou a lembrança com um convicto — é verdade.

Asclepiades falou à dona da casa, pediu um copo, mandou um dos arrieiros penetrar no chiqueiro e arrastar uma cabra para fora. A bicha queria sair, mas não assim arrastada por brutas mãos estranhas, e por isso berrava e resistia, balouçando o grande úbere de tetas róseas, tão túrgidas de leite que se arrebitavam para os lados. Então Asclepiades acocorou-se, arrastando no chão esterçado as longas abas do fraque castanho, e com jeito e carinho encheu o copo até formar acima das bordas um farto e apetitoso “capucho” de espuma.

A comitiva tivera desde sua chegada um grande sucesso de curiosidade: toda a gente da fazenda correra ao ver a liteira, dentro da qual sorria, muito agasalhado, um moço bonito e pálido, acompanhado do vigário e do coletor, ambos bem conhecidos. A dona da casa viera, solícita, ao terreiro saber se não precisavam de mais alguma coisa, se não queriam levar o doente para descansar um pouco, dentro de casa, para tomar alguma coisa, enquanto suas três filhas moças, penteadas à moda e brancas de polvilho com aguardente (para não se lhes queimar a pele ao sol mordente do sertão) se debruçavam ariscas e curiosas da mesma janela, os ouvidos vorazmente atentos ao que se dizia no terreiro, para compreender a imprevista cena que a Providência lhes proporcionava em meio à monotonia da vida daqueles ermos.

O vigário foi cumprimentá-las, e as suas palavras confirmaram o que elas já tinham adivinhado: o doente era o seu sobrinho, dr.

Alípio, promotor da comarca, que ia restabelecer-se na Varjota. Estivera mal, bem mal!

— O noivo de Florzinha! disseram as três sem falar, por meio de um choque isócrono de cotovelos.

Alípio sorria-lhes da liteira com uma lânguida inclinação de cabeça, e com o mesmo sorriso recebia das mãos de Asclepiades o copo de leite, a cujo sedutor aspecto lhe titilou gulosamente o estômago, enfim desperto.

— Muito obrigado, Asclepiades. Está delicioso! disse, passando num fino gozo a língua branca pelos lábios secos e pálidos, com o fio de voz já mais grosso e mais limpo.

— Vamos andando! bradou Asclepiades para o vigário. Aproveitemos a fresca da manhã, que o sol hoje vai ser medonho!

— Esperem um pouco; mandei fazer café, disse a dona da casa.

E o café, acompanhado de brancas tapiquinhas de goma, foi servido dentro em pouco aos companheiros do doente, em grandes xícaras baratas postas sobre maciça salva de prata.

Pôs-se em marcha a liteira, trocaram-se saudações, e o séquito continuou sob o sol já rijo das oito e meia. A bela estrada, forrada de uma areia grossa e lavada pelas chuvas, produzia, sob as patas das cavalgadas, como um rumor de seda machucada. Os bamburrais, com seus broches de ouro vivo e os marmeleiros de florinhas bífidas e rubras como línguas de víboras, derramavam por tudo um forte olor selvagem, sugestivo de primitivas voluptuosidades. E a forma estranha de um cardo rompia aqui e ali de um embastido de lianas, com um aspecto exótico de coisa artificial. Do cabeço de um pequeno cerro coberto da gaforina verde das malícias,²⁰ uma caraúba toda em flor, sem uma folha, de um amarelo inaudito, lembrava, em ponto grande, um desses grampos enormes de ouro antigo, encimados de ramos e de flores que tremiam nos cabelos das ricas matronas sertanejas de outros tempos.

A estrada estreitava-se depois, apertava-se entre duas ribanceiras, cavada pelas rodas e pelas enxurradas, e as jitrinas teciam-lhe por cima uma abóbada fofa e densa, estrelada de infinitas campânulas de um roxo meigo. As juremas e as umburanas, com seus esbeltos troncos acidentados de músculos nitidamente contorneados, surgiam como pernas de dançarinas da escumilha verde da folhagem miudinha e esvoaçante. E toda a passarada, familiar àquelas paragens, se cruzava cantando, chamando-se, queixando-se, sorrindo, uns de súcia, outros aos pares, outros solitários, ora por cima mesmo da

²⁰ O autor se refere a uma erva rasteira eruditamente denominada *sensitiva* e que o vulgo, no sertão chama *maliça* (corruptela de malícia).

cabeça dos viajantes, ora dos recatados recessos, ora de um altíssimo galho de árvore seca, sobre cujo esqueleto roído e lúgubre espalhava a alegria incongruente da sua cavatina.

Penetrado do esplendor matinal da natureza, traspassado da sensação flagrante da poesia dos campos, tão artificialmente, tão mesquinamente traduzida nos seus versos, Alípio ia passando de cenário a cenário, de impressão a impressão, quase sem pensar, ou pensando em coisas irreais, muito ingênuas e muito suaves, como se o seu cérebro fosse desabrochando sucessivamente em peregrinas florações de êxtase.

Mas uma sensação de dor aguda e rápida despertou-o: um ramo de japecanga roçara a portinhola da liteira, como um braço de assassino, e o espinho bruto e recurvo rasgou-lhe a pele do punho que descansava ali, desenhando na sua paidez uma renda de sangue rútilo. Daí por diante, Alípio sentiu romper-se o encantamento em que tinha feito até então o trajeto: os músculos começaram a sentir através dos travesseiros a dureza das tábuas, os olhos começaram a arder à ação cáustica do pó da estrada, a frescura balsâmica do arvoredado se transformara, com o intenso calor das dez horas, num bafo enervante de estorrico, que lhe irritava as narinas, e o tom aveludado da paisagem, de contornos dealbados ao longe por uma tênue bruma, cedera lugar a uma fulguração crua e otuscante, em que as menores linhas da risca de um cipó, da aresta de uma pedra, do recorte de uma tolha se acusavam com uma nitidez implacável.

Era a fadiga, e com ela o tédio prévio da soledade rural, a tristeza de se ver enfermo, atirado ao fundo da liteira rústica bem diferente do *coupé* de ministro com que sonhava acordado e mesmo dormindo, enquanto aqueles dois homens, com idade dupla da sua, o acompanhavam lesto, risonhos, movendo-se à vontade em seus cavalos, comendo com avidez os pães que tinha trazido nos bolsos da carona. Sentia-se à mercê de vontades estranhas, fraco como uma criança, submisso a todas as imposições da dieta, pronto a ingerir todas as drogas, nesse terror das enfermidades, que era a sua fraqueza excepcional de homem forte.

A sua natureza supersticiosa, livre agora do freio da vontade, vencida pela depressão física, predominava absolutamente: parecia castigo. . . Iludira a inocência de uma mulher, conspurcara a honra de outra, e o cético, o macho triunfante ali estava combalido, anulado, fraco como uma criança, à mercê da compaixão alheia. . . O forte de ontem morreria ali na estrada, como um cão, se aqueles dois homens o abandonassem. . . Agora como que o levavam para uma expiação. . . O mal feito a Bilinha era irremediável; não sentia em sua consciência a sua obrigação de repará-lo: ele apenas fora

o instrumento da fatalidade que predestinara essa rapariga para a perdição. Mas a outra, tão cândida, tão angélica, enxovalhada assim pela maledicência, inutilizada talvez para um casamento feliz, porque toda a gente a considerava um sobejo seu, como uma namorada ridiculamente repudiada...

E toda a sua vaidade se contraía humilhada, e toda a sua filosofia de cínico e de epicurista lhe parecia truanesca e estúpida ante a gravidade irredutível da vida com as suas delicadezas afetivas, com a sua dependência do concurso dos outros homens. Bastava a crise de alguns dias em sua saúde, a inflamação de uma mucosa, para castigar a sua filauciosa irreverência, entregando-o inerte e vencido à compaixão das simples criaturas de que se julgava tão distante, tão a cavaleiro, pela inteligência, pela educação, pelos hábitos e gostos. E quem sabia se em outro meio, composto de indivíduos trabalhados como ele pela ambição de nome e de fortuna, se entre os concorrentes aos mesmos proventos, não encontraria, em vez de cuidados e carinhos, a indiferença, ou, pior do que isso, a satisfação feroz de vê-lo cair para arrancar-lhe das mãos enfraquecidas o despojo conquistado à força de tenacidade e de audácia? Conhecia bem por si mesmo o menosprezo que se tem nos grandes centros sociais pelos infortúnios alheios... Ali cada qual procura encaixar-se na vaga que se abre, pisando, sem voltar o rosto, o contendor que sucumbe... Por isso o Gomes da Costa, sentindo-se fraco, recolhera-se ao asilo calmo, ignoto de uma fazenda; por isso tantos companheiros seus atiravam para o lado as asas ambiciosas com que saíam da Escola para se arrastarem obscuramente pelos lentos degraus da profissão, desiludidos completamente das ascensões rápidas, só permitidas a um insignificante número de triunfadores, cujo mérito muitas vezes não era fácil verificar. Sentia que as suas convicções sobre o poder da vontade se iam desgastando, desagregando, para dar lugar à crença na Fatalidade, no destino, traçado inconscientemente pela mão temerosa do Acaso.

Um cansaço aflitivo lhe ganhava o cérebro exausto de pensar, e pensava sempre, cada vez com maior ânsia, cada vez com maior acuidade... Como a estrada se alargasse mais, Asclepiades aproximou-se da portinhola e, ao ver-lhe a fisionomia contraída e torva, perguntou com solicitude:

— Está fatigado?

— Horrivelmente! Ainda falta muito para chegarmos?

— Não, é só mais uma hora de viagem, respondeu, tirando o relógio. É bom pararmos um pouco debaixo de uma árvore para o doutor tomar um alento.

Alípio condescendeu com um sinal de cabeça.

E logo adiante, debaixo de uma colossal oiticica, a comitiva parou, e a liteira foi arriada no solo com o auxílio do vigário e do Asclepiades. O doente ergueu-se para desentorpecer as pernas, agarrando-se à borda da portinhola. Vivas frestas de luz cortavam a sombra doce e profunda da grande árvore, cujos galhos válidos se arqueavam poderosamente como as nervuras de uma imensa nave. Uma frescura consoladora enchia o recinto silencioso, e através de suas abertas se via lá fora a paisagem ardendo cruamente sob a soalheira, com um verde hostil que intimidava a quem estava na sombra.

— Vamos dar um passeio ao redor do tronco? perguntou o vigário com insinuação carinhosa, como se falasse a uma criança que está começando a andar.

Alípio aquiesceu, agarrou-se com força ao braço do tio e, arrasando as pernas fracas e trôpegas da longa inatividade, pôs-se a andar vagarosamente pelo espaço limpo circundante ao enorme tronco muito alto, quase reto, cingido a certa altura por uma grossa corda de relho. À interrogação do seu gesto, Asclepiades informou que, nos tempos secos, os comboieiros pernoitavam ali de preferência aos ranchos, e àquela corda penduravam as redes, prendendo o outro punho nalguma ponta de galho ou em estacas que fincavam no chão. Ali faziam o café, acrescentou, mostrando uma trempe de pedras onde havia cinzas e grossos tições que o fogo devorara a meio. Alípio levantou a cabeça e mergulhou a vista na imensa copa rasgada em numerosas e profundas abóbadas, por onde se coavam vagas claridades coloridas de todos os matizes do verde, e, dominado por essa grandeza selvagem, enunciou sem querer a sua impressão:

— Parece um templo!

E acrescentou, sorrindo para o vigário:

— Meu tio bem podia dizer missa aqui: eu lhe serviria de acólito...

— Boa idéia, replicou o padre, sorrindo também; mas agora já estou com o jejum quebrado.

Asclepiades, que ficara na estrada a limpar o pó da liteira com um ramo de vassourinha e a arranjar os travesseiros, veio juntar-se aos companheiros.

— Soberba árvore, hem?

— Linda! obtemperou Alípio com entusiasmo estético.

— Está vendo o milagre, compadre? acrescentou o coletor, dirigindo-se ao vigário: o nosso homem, que só fazia chiar como pato, já está com a voz muito mais limpa. Garanto que com oito dias de Varjota está capaz de cantar um dueto com a Florzinha.

— Ela canta?

— Tem voz muito forte e afinada; mas não sabe grande coisa de música, nem sabe esses tremelicados de cantorias italianas. Só modinhas e músicas de igreja.

O nome da rapariga soara com uma estranha doçura aos ouvidos de Alípio. Dentro de poucos momentos ia rever a formosa fugitiva, cuja ausência esquecerá tão depressa nos braços culposos da outra, a ingrata que tão pouco se interessara pelos seus sorrimentos. Mas quem sabe? Talvez não tivessem chegado ao seu conhecimento os recados de seus mensageiros. . . Lembrava-se vagamente de ter visto, quando presa da alta febre, a Benvinda, que foi talvez maltratada, pois não aparecera mais. E, em pleno gozo de sua conquista, cair assim ferido por essa estúpida moléstia! Parecia castigo. . .

— Vamos embora! exclamou Asclepiades consultando o relógio. Mais tarde teremos um sol danado pela frente.

O doente, novamente instalado na liteira, continuou a pensar, a pensar no aspecto estranho que a sua vida tomara nesses últimos dez dias, e um sono tórpido como uma inconsciência de febre apoderou-se afinal do seu enfraquecido organismo. Só acordou quando, à passagem de um riacho, o fundo da liteira bateu com força numa pedra.

— Mais dez minutos, e estamos em casa, explicou solícitamente Asclepiades.

— Já estou ouvindo o latido dos cachorros, acrescentou o vigário curvando a mão por trás da orelha.

Dentro em pouco, com efeito, a liteira começava a subir a longa e suave rampa em cujo planalto se pompeava o atarracado e branco casarão da Varjota. Vultos ainda indistintos se agrupavam açodadamente no alpendre, e já de longe se sentia a curiosidade que por lá ia. O imenso pátio fulgurava de sol, e a risca vermelha do caminho ascendente parecia um rastilho de chama, a que não faltava a fumaça dos torvelinhos de pó. Espaço a espaço se elevava uma árvore a cuja sombra se abrigavam reses preguiçosas, ruminando incessantemente num lento mexer de mandíbulas. Sob as árvores mais próximas à vivenda viam-se carros de lavoura, pilhas de tábuas, rumas de tijolos, vagos objetos quebrados, informes, roídos pelas intempéries.

Alípio distinguiu afinal os contornos do grupo, as feições das pessoas: só conhecia Florzinha, num vestido caseiro de chita azul-claro, e o capitão Galdino, cerimoniosamente enfronhado num paletão avermelhado pelos anos.

O fazendeiro e o seu filho — um rapagão trigueiro e sisudo — adiantaram-se ao encontro da comitiva que parara a poucos passos do alpendre.

— Não era assim que eu contava vê-lo nesta sua casa, meu caro doutor! mas, de qualquer forma, a sua presença é agradável, porque vai voltar bom, com o favor de Deus.

E, auxiliando com o filho a arriar a liteira, o dono da casa sorria com carinho ao doente. Este, para fazer de forte na presença das senhoras que o olhavam fixamente, ergueu-se num grande esforço, mas cambaleou e teria caído se Asclepiades não o sustivesse a tempo.

— Devagar, meu caro, devagar, disse paternalmente o fazendeiro, amparando-o do outro lado; isto não vai assim: só depois que você tomar três dias leite de vaca da Varjota.

Alípio, sorrindo, pálido, de barba crescida, com o sobretudo abotoado até à gola e o pescoço envolto num grande lenço de seda preta, penetrou no alpendre. D. Maroca, a dona da casa, com a filha e Florzinha vieram recebê-lo no topo da pequena escada.

— Seja muito bem-vindo, doutor, disse D. Maroca com comovido interesse, apertando-lhe a mão; tenho fé em Nossa Senhora que isso não será nada e que em breve fará um bonito discurso e dançará uma valsa.

As duas moças cumprimentaram-no por sua vez, Luízinha — que parecia uma cópia um pouco imperfeita da prima — com um sorriso arisco e as faces em brasa, Florzinha muito pálida, muito séria, evitando o olhar do bacharel. Sentaram-no numa das redes armadas no alpendre, o vigário instalou-se a fio comprido em outra fronteira, e aos lados sentaram-se as outras pessoas em cadeiras. Então Asclepiades, sem descalçar as botas nem largar o chicote, começou a narração da moléstia, dia a dia, hora a hora, enumerando as melhoras, as piores, a elevação da febre e o declínio, os medicamentos, os alimentos, as visitas... O vigário aparteava, confirmando, reforçando, retificando. A intensa curiosidade dos circunstantes nada tinha mais que exigir. Asclepiades era perfeitamente elucidativo, não esquecia a menor particularidade, não deixava margem a uma só interpelação. Alípio ouviu-o a princípio com interesse, por saber de sua própria história que a febre lhe tornara desconhecida em certos pontos; mas depois sua atenção embotou-se pouco a pouco, as palavras do narrador foram-se tornando um rumor indistinto, obsidente, e, por fim, francamente irritante: e como uma careta involuntária traduzisse o seu estado íntimo, D. Maroca, que o notou, acudiu interessada:

— Está-se sentindo mal, doutor? É a fadiga da viagem. Precisa descansar, mudar a roupa suada, pôr-se à vontade.

— E traga-lhe que comer; o mal dele é fome! opinou o capitão Galdino, para quem a alimentação era — mais que um alimento

higiênico — um verdadeiro sistema terapêutico. Vá preparar-lhe um bom bife e uns ovos.

Mas Asclepíades opôs-se energicamente:

— Qual bife, compadre! Qual ovos! Leite, comadre, só leite! Foi recomendação expressa do Pinheiro. Nestes primeiros dias ele não toca em outra coisa, salvo uns caldos para desenfatiar.

— Ora, leite! desdenhou o fazendeiro, que, como em geral os sertanejos, não tolerava o leite senão sob as suas formas modificadas de coalhada e de queijo, ou como ingrediente de doces e de bolos. Cá a minha medicina é carne e farinha pra ali. Tenho curado até indigestões com carne de espeto e farofa de manteiga.

O vigário interveio, sustentando o regímen lácteo, e D. Maroca foi tratar de servir Alípio, que se encaminhava para o quarto arri-mado ao Cazusa, o jovem sertanejo, e seguido do Asclepíades, que ia dirigir a sua instalação. E, só depois que o doente se aquietou para dormir, é que se serviu o almoço. Asclepíades ainda achou muito que contar sobre a enfermidade; no seu excessivo interesse traía-se a satisfação de um quase triunfo, e toda a sua atenção estava posta na filha, cujos sentimentos procurava surpreender, através de seu semblante inexpressivo, de seu olhar parado e vago, das palavras triviais que soltava sem uma referência direta ao bacharel. Como aquela criaturinha que lhe nascera nos braços, que lhe crescera no colo, dia a dia, sempre submissa à sua vontade, sempre solícita em obedecer-lhe, pudera tornar-se assim impenetrável à sua perspicácia de pai, assim abroquelada e autônoma em sua vida afetiva, velada por uma discrição calma mas obstinada, intangível, refratária à ação da sua autoridade! Mal continha às vezes o ímpeto de interpelá-la peremptoriamente, de ditar-lhe como ordem irrevogável as suas intenções de casá-la com o bacharel; mas receava comprometer tudo com esses meios tirânicos, esbarrando ante uma resistência invencível e fatal às suas esperanças. Não era possível, afinal, casá-la à força, e a mulher já lhe tinha dito a esse respeito a sua palavra soberana.

Debalde procurava obrigá-la a manifestar o interesse que lhe parecia merecer esse rapaz tão bem prendado e mais interessante agora que a moléstia esbatera as arestas das suas exterioridades de pra-ciano. A moça esquivava-se, fazia-se desentendida aos seus avanços, calava-se quando devia externar-se, mantinha-se impassível quando a mera curiosidade feminina deveria instigá-la a demonstrar uma simpatia, compassiva embora, pelo enfermo. Chegava até a ser aquilo grosseiro e pouco inteligente! pensava ele apertando os dentes, para não o dizer em voz alta, pois logo refletia que o melhor era levar as coisas com paciência e brandura. Estavam os dois sob o mesmo teto, era meio caminho andado; o vigário e a convivência fariam

o resto. Indiretamente pôr-se-ia ao corrente da situação, por meio de Luizinha, a quem pretendia tomar por confidente dos seus projetos e por informante dos sentimentos da filha.

Mais tarde o capitão Galdino saiu a suas ocupações — ia ver um cercado que mandara construir em fazendola próxima; o vigário ferrou num sono lá para um canto do alpendre, com a varanda da rede por cima do rosto por causa das moscas; Alípio adormecera também em seu quarto, e Asclepiades, que já mudara de assunto, contava as novidades de Ipuçaba às três mulheres, atentas como se lhes falassem de coisas sucedidas em terras longínquas e curiosas.

De calça e camisa, os pés metidos nuns grossos chinelões do cunhado, meio sentado na rede, tíbias cruzadas como nos emblemas funerários, um dos braços dobrados sob a cabeça, o outro buscando o chão para a espaços impelir a rede em balouço lento e igual, o coletor passava em revista todos os fatos políticos, domésticos, religiosos, policiais e burocráticos dos últimos dias, como se os estivesse a ler em livro aberto.

— E a professora como vai? perguntou de repente a dona da casa.

Asclepiades revirou o lábio inferior num gesto de desdenhosa ignorância, e a pergunta ficou pairando intacta no silêncio embaraçoso que se fez. As duas moças trocaram um olhar: era um mútuo convite ao banho no riacho. A dona da casa foi preparar o jantar, e o Asclepiades, sem ter afinal auditório, adormeceu também, começando sem demora a roncar tão forte, como se roncasse por si e por todas aquelas coisas adormecidas ao calor da sesta — as aves mudas, as árvores imóveis, as reses malhadas sob as árvores, e porcos, e cães e gatos ressupinos²¹ estirados em atitudes cômicas, como se o sono os houvesse fulminado em meio a um movimento para fixá-lo concretamente, dando ao espectador essa impressão de estranheza que assumem os gestos naturais apanhados flagrantemente na chapa de uma fotografia instantânea.

CAPÍTULO XII

A VIAGEM com seus solavancos, com seu pó, com a sua soalheira trouxera ao doente uma reação que já ia tomando a feição de grave recaída: reapareceu-lhe a febre, desapareceu-lhe de novo a voz, e o seu estado moral sofreu uma depressão inquietadora para os seus

²¹ O termo, hoje em dia, sabe a preciosismo e significa: de pernas para o ar.